

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC



UFABC

Santo André

2012

**Depoimento do Reitor Helio Waldman e dos Ex-Reitores Hermano Tavares, Luiz Bevilacqua e Adalberto Fazzio, realizado no Câmpus Santo André (Bloco A), em 16 de setembro de 2011, por ocasião da comemoração pelos cinco anos de criação da UFABC.**

**Gustavo Martini Dalpian:**

**(Vice-Reitor eleito, em exercício desde fevereiro de 2010)**

Gostaria de introduzir a professora Maria Gabriela Marinho, autora da proposta e que elaborou o documento enviado para vocês. Junto com o professor Sidney Jard, desenvolve um projeto da Reitoria que é o "Projeto de Memória Institucional da UFABC". A proposta é coletar, organizar, sistematizar e analisar os dados relativos às experiências institucionais. Desse modo, poderemos não só assegurar a construção de uma memória institucional como ter à disposição uma ferramenta que nos permitirá aprender com nossa experiência.

Consideramos que a presença dos quatro reitores em Santo André é uma oportunidade única para colher depoimentos sobre o histórico recente de implantação da Universidade. O depoimento está integrado também a outro projeto que a Reitoria vem desenvolvendo, sob minha responsabilidade e a pedido do professor Hélio Waldman: a elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional, o PDI-2012/ 2022. Um dos itens que vamos pautar no PDI é o balanço dos cinco anos da UFABC. Como se trata de um plano para pensar o futuro, vamos antes fazer um balanço. Portanto, a discussão aqui também será muito importante para a construção do nosso PDI.

A coleta dos depoimentos será conduzida em três blocos. No primeiro, vamos tratar da "Idealização" da Universidade. No segundo bloco, discutiremos a "Implantação". No terceiro, analisaremos a "Construção Institucional". A expectativa é que vocês tratem livremente cada um desses temas. Como sugestão, propomos que os depoimentos sigam a ordem cronológica de exercício da função como Reitor: professores Hermano Tavares, Luiz Bevilacqua, Adalberto Fazzio e Hélio Waldman.

Elencamos alguns itens para cada bloco, apenas como referência de temas. Evidentemente, a narrativa é livre - e como o próprio professor Fazzio observou, gostaríamos de ouvi-los também sobre o futuro. O professor Arilson Favareto sugeriu que fizéssemos, inclusive, outro evento para tratar do futuro, já que não teremos muito tempo hoje, em razão das atividades previstas. Peço desculpas de antemão se eu interrompê-los durante a exposição, mas o objetivo é assegurar a palavra a todos, por isso, talvez algumas interrupções sejam necessárias.

Como o primeiro bloco vai abordar a "Idealização", passo a palavra para os professores Hermano e Bevilacqua. Por favor, sintam-se à vontade.

## **Hermano de Medeiros Ferreira Tavares (Reitor entre outubro de 2005 e dezembro de 2006)**

Muito obrigado pelo convite. Considero da maior importância essa ideia que a UFABC está desenvolvendo, de olhar o futuro examinando o passado. Isso é muito importante para não repetir erros e para reconhecer erros, também – e humildemente corrigi-los.

Para quem não sabe ainda, essa Universidade começou cerca de sete anos atrás e foi liderada, originalmente, pelo professor Bevilacqua, que se tornaria seu segundo Reitor. O prof. Bevilacqua liderou o grupo do Ministério da Educação que organizou o projeto pedagógico da Universidade – e sistematizou as idéias a que nós estamos tão habituados e o resto do Brasil não está, como o Bacharelado em Ciência e Tecnologia, a liberdade na escolha da formação pós-Bacharelado Interdisciplinar, a interdisciplinaridade como orientação geral. Ao longo de um ano de trabalho, o professor Bevilacqua reuniu uma equipe de cerca de 40 pessoas que organizou esse projeto.

Um belo dia, Bevilacqua, juntamente com o Waldman – que eu já conhecia muito bem, o Bevilacqua, eu conhecia menos -, me seduziram, de maneira muito fácil, a assumir a Reitoria dessa Universidade.

Por que foi muito fácil? Porque tinha uma coisa atravessada na minha garganta, que era o seguinte: a situação de São Paulo, no Brasil, do ponto de vista da organização federal.

São Paulo abriga em torno de 22% da população brasileira e contribui com 33% do PIB (*Produto Interno Bruto*) brasileiro. Ou seja, contribui também com 33% dos impostos e tributos. Entretanto, a participação federal no ensino superior em São Paulo, na época, era algo beirando o ridículo. Algo como 2% da participação federal em relação a todo o Brasil. E se isso não era uma motivação suficiente para atrair qualquer pessoa, o projeto da Universidade foi para mim absurdamente surpreendente – e muito atraente, muito brilhante.

Era um projeto moderno, inovador – no qual se pensava grande e com muito cuidado –, organizado por um grupo de 40 pessoas que pensava sem medo. Algumas propostas eram ousadas, audaciosas e deveriam vir ao encontro dos interesses do país. Havia uma orientação para não se fazer mais do mesmo – e isso eu achava fundamental, porque ocorreu em todas as outras universidades nas quais trabalhei.

Devo confessar que ocorreu também um pouco na UFABC, no meu ano de trabalho aqui. Quando se contrata um jovem doutor, ele tem uma tendência muito forte de querer reproduzir as condições que tinha onde se formou. Se for por aí, não vai dar certo. Temos que criar coisas novas, olhar para o futuro, ver quais as necessidades do país e abordar o problema por aí. O projeto inicial dessa Universidade apelava para isso com a maior clareza possível. O projeto também tinha algo que eu pensava que dava para fazer - e penso que foi feito, não sei se com todo o sucesso esperado –, que é um compromisso claro com as condições brasileiras.

É sabido que o Brasil se organizou precariamente ao longo dos seus cinco séculos oficiais de vida e sofreu uma colonização absolutamente predatória. De certa maneira, foi somente no último século que o Brasil despontou para fazer alguma coisa que tivesse diretamente uma ligação com um projeto próprio. Nós somos um país com uma diferença social, de distribuição de renda absolutamente escandalosa – e as universidades, de certa maneira, contribuem muito para isso, porque privilegiam o acesso de quem já está preparado para reproduzir essas condições.

Então, essa Universidade, com sua audácia pedagógica, deveria junto propor certa ousadia também na parte social. E isso aconteceu quando escolhemos a concepção de cotas sociais e cotas étnicas. Não fomos os primeiros do Brasil, ainda assim fomos bem pioneiros – e bem criticados, mas acho que não erramos muito.

Outro aspecto bastante importante do ponto de vista da organização pedagógica é a questão do quadrimestre, que desorganizava a lógica dos cursinhos pré-vestibulares. É nessa lógica dos cursinhos pré-vestibulares que começa a grande tragédia da reprodução das elites brasileiras, a perpetuação dos privilégios. E isso, de certa maneira, também foi enfrentado.

Houve decisões, como a opção pela contratação exclusiva de doutores, na quais pesou também minha pequena experiência pessoal. Em torno de dez anos atrás, fui convidado pelo governo do México para estudar a implantação de universidades um pouco mais avançadas naquele país. Eles não conseguiram fazer o que fizemos no Brasil pelo fato de não possuírem uma pós-graduação pujante. O México forma poucos doutores, e eles têm claro que, trazendo doutores dos Estados Unidos, esses doutores possam a qualquer momento decidir pela volta.

Formávamos no Brasil, na época da fundação da UFABC em 2006, em torno de oito a nove mil doutores por ano e pareceu lógico começar pelo que temos de melhor. A qualidade de uma escola depende de muitas coisas, mas depende, sobretudo, do nível dos seus professores. Portanto, se havia nacionalmente potencial para fazer isso, entendo que foi uma decisão muito pacífica – uma decisão que não promoveu discussões fortes na pequena direção que existia na época na UFABC. A questão das cotas rendeu alguma discussão, mas nada dramático, e foram deferidas e adotadas sem muitas dificuldades.

Uma questão muito forte para o grupo inicial referiu-se à decisão pela pós-graduação. Minha experiência na Unicamp (*Universidade Estadual de Campinas*) mostrava que, se há um corpo avançado de professores com doutorado, se não houver a pós-graduação, eles não aderem ao projeto de maneira integral. Porque o doutor vai pesquisar sempre, organizar uma pequena equipe e buscar condições de avançar. Se ele não puder fazer a pesquisa aqui, vai fazer no local que oferecer condições: em São Carlos, na USP (*Universidade de São Paulo*), na Unicamp. Tornou-se obrigatório organizar imediatamente a pós-graduação, até concomitantemente com a graduação, para que essa pessoa pudesse ter condições de se fixar na cidade e na Universidade.

Li um texto do Milioni (*Armando Zeferino Milioni foi Pró-Reitor de Pesquisa da UFABC, entre outras atribuições*) no qual ele cita que, no dia em que isso estava sendo decidido na Catequese (*edifício localizado na Rua da Catequese, 242, na região central de Santo André, onde a Reitoria funcionou antes da inauguração de sua sede no Câmpus Santo André*), chegou uma carta do Bevilacqua, que estava no exterior. A carta dizia que o mestrado e o doutorado tinham de ser feitos em conjunto – e demos ali um passo fundamental.

Gostaria, ainda, de mencionar que nós tínhamos pressa – e eu continuo tendo pressa. Penso que todo brasileiro consciente tem de ter pressa. Primeiro, porque tivemos 400 anos de atraso na colonização. Mas tenho pressa também pelo futuro.

Algo que não citamos aqui em nenhum momento é a situação demográfica do Brasil, até dez anos atrás um país de jovens. Pelos critérios da ONU (*Organização das Nações Unidas*), podemos dividir a população em três faixas: os jovens, a partir aproximadamente dos 15 anos, os idosos, acima dos 60 anos, e a população economicamente ativa, que está no meio.

O Brasil é um país jovem, porque o primeiro percentual é muito grande. Dentro de 20 a 25 anos, porém, esse percentual será pequeno e o índice de idosos será muito alto. Vivemos, portanto, o que se chama de “transição demográfica”. Essa transformação acontece em razão de dois fatores: primeiro, os velhos começam a ser mais bem tratados e vivem mais; segundo, as mulheres passam a ter menos filhos. Esse fenômeno já é totalmente detectável no Brasil.

Estive no IPEA (*Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*) duas semanas atrás e há levantamentos absolutamente preocupantes. A população do Brasil só vai aumentar até 2025, aproximadamente – a partir, começar a diminuir e essa diminuição se dá pelo lado jovem. Os 15 anos que temos pela frente – ou, talvez, até 20 a 25 – oferecem o chamado “bônus demográfico”: os jovens ainda não diminuíram tanto e os velhos ainda não aumentaram muito.

Nesse momento a população economicamente ativa ainda é muito grande e temos de aproveitar para acelerar nossa passagem ao mundo desenvolvido. Quando o país se torna velho, o fator mais preocupante é: se ele for subdesenvolvido, vai continuar subdesenvolvido. A parte da população que não trabalha (os velhos) é mais onerosa que a outra parte, os jovens. Requer ações de saúde que são muito caras, enquanto os outros requerem ações de educação, que são menos caras. Apesar de não ser muito cara, no Brasil a Educação ainda é a parte mais maltratada das Políticas Públicas. A educação brasileira é atrasada e pouco valorizada – é uma dificuldade que não abordamos, não enfrentamos e não vencemos de maneira adequada.

Os próximos 15 ou 20 anos serão nossa última chance de sair do subdesenvolvimento. Depois teremos um país com população idosa, como é o caso do vizinho Uruguai. Ele não vai sair do subdesenvolvimento porque tem esse perfil de população velha e isso cria problemas enormes com pensão, aposentadoria, e não se consegue mais dedicar dinheiro para outras coisas.

## **Gustavo Dalpian**

Podemos passar para o professor Bevilacqua que vai tratar da idealização da UFABC e de questões como as discussões com os ministérios e a comunidade.

## **Luiz Bevilacqua**

**(Reitor entre dezembro de 2006 e agosto de 2008)**

Vou me concentrar na idealização e retornar um pouco mais para trás e ligar a história da UFABC com a história que não foi concretizada na UFRJ (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*). Em meados da década de 1990, começou um movimento na UFRJ. Um grupo de professores queria estabelecer o “Câmpus 2”. Era exatamente o que nós queríamos: um “Câmpus 2” com um novo perfil, parecido com esse que foi implantado na UFABC. Houve uma reunião em Angra com a presença de vários cientistas e professores e ali se definiu um pouco esse modelo.

Em 2004, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) promoveu um comitê relativo à educação. Novamente, organizou-se um conjunto de idéias, posteriormente levadas ao Ministério da Educação (MEC). Paralelamente, um pequeno grupo constituído de cinco ou seis pessoas tentou implantar o “Câmpus 2” na UFRJ. Passaram-se três ou quatro reitores, foram 12 anos. Nenhum deles conseguiu implantar porque essa decisão não foi aprovada no ConsUni (*Conselho Universitário*). Então, desistimos.

Em setembro ou agosto de 2004, o prof. Nelson Maculan era Secretário de Ensino Superior no MEC. Ele me chamou a Brasília e disse o seguinte: "Você se lembra daquelas idéias?" Eu respondi: "Claro que me lembro." Ele informou: "Agora há chance, porque foi enviado ao Congresso, e certamente vai ser aprovado, o projeto de criação de uma Universidade na região do ABC. Um projeto que foi desengavetado, ele já existia, só que ficou 20 anos parado, e agora temos a chance de recomeçar com um projeto novo".

Aceitei o desafio e perguntei: "Qual é o modelo que vocês querem?" Porque ele sabia das idéias, e essas idéias são bem diferentes. Ele disse que eu era totalmente livre para implantar novas idéias, naturalmente, com consultas à comunidade. Fizemos o primeiro grupo, em torno de sete pessoas, que propôs o primeiro desenho entre o final de 2004 até junho de 2005. Era um desenho muito esquemático e partir da compreensão de que essa universidade precisava ser uma universidade para o século XXI, o que significa buscar o novo caminho da ciência, que nos últimos 100 anos avançou de maneira espetacular. Era pedido, ainda, que fosse uma universidade com viés tecnológico: engenharia, mais ciências básicas, no primeiro momento.

Mas com o espetacular avanço científico, grande parte do que os engenheiros aprenderam durante o curso já estaria ultrapassado. Não podemos continuar com essa estrutura. É preciso outra universidade, adaptada ao mundo moderno. Além disso, começava a aparecer em determinadas áreas uma interdisciplinaridade total.

Em universidades brasileiras tradicionais estavam contratando físicos, químicos, às vezes até biólogos, em certos departamentos, como na Engenharia de Materiais por exemplo. Estavam fazendo uma mini-universidade dentro do departamento – e isso é insustentável. É impossível porque a Engenharia Mecânica ou a Elétrica, também vão querer sua mini-universidade. Não funciona assim. Essas mudanças têm de se consubstanciar integralmente no sistema da universidade. Portanto, uma das primeiras decisões foi: não haverá departamento. Vamos fazer grandes centros: Ciências Humanas, Ciências Naturais, Engenharia, Matemática. Depois foi acrescentada a Cognição, de que vou falar mais adiante. Esse foi o grande esquema inicial.

Segundo ponto: os estudantes, nessa fase, não têm maturidade para fazer suas escolhas. Entram querendo uma coisa, depois mudam, mas as universidades põem obstáculos e fica difícil mudar de curso. Mudar de física pra engenharia, ou vice-versa, é quase impossível. Essa foi a segunda decisão: a possibilidade do estudante escolher ao longo do processo de formação.

A terceira decisão é que seria um bacharelado – opção marcada pelo documento da Academia Brasileira de Ciência. A primeira fase não seria um ciclo básico, mas um bacharelado nas áreas de ciência e tecnologia. O bacharelado teria uma concepção mais ampla e os estudantes, ao término, poderiam se colocar no mercado de trabalho ou abrir as próprias

empresas, criar o próprio caminho. Essas foram as idéias principais do primeiro esquema: os três centros e os estudantes entrariam para a universidade sem escolha prévia. O lugar para realizar a ideia foi oferecido aqui pelo Prefeito de Santo André, que cedeu a área para se fazer a Universidade. Para completar, eu queria Paranapiacaba, que é um lugar espetacular para se fazer uma universidade. Não deu, foi aqui mesmo, e a opção de Paranapiacaba saiu da cabeça.

Em junho – acho que 15 de junho de 2005 – esse projeto foi apresentado ao presidente Lula. Eu me lembro muito bem, foi no dia em que o José Dirceu pediu demissão. Exatamente naquele dia. De manhã fizemos a apresentação. Estavam o ministro Mercadante (*na época Senador por São Paulo*) e o ministro da Educação, que não era o Fernando Haddad ainda, era o Tarso Genro. O Maculan e o Haddad também estavam porque eram secretários, da SESu e Executivo, respectivamente. Feita essa apresentação, tivemos luz verde. Eu disse: "Agora precisamos detalhar mais." Montamos a comissão de 40 professores.

Nas primeiras reuniões foram expostas as idéias fundamentais. Em torno de umas 10 pessoas não concordaram – acharam extravagante a ideia, preferiam o sistema clássico. Sem constrangimentos, totalmente livres, retiraram-se da comissão. Sobraram uns 30. Começamos o detalhamento. A primeira constatação: dentro do bacharelado era preciso estabelecer alguns critérios para disciplinas que seriam a "marca" da Universidade. Ou seja, que imprimissem a marca desse bacharelado. Seriam 30 ou 35%, e o resto das disciplinas seria deixado à livre escolha dos estudantes, distribuídas em pelo menos dois grupos. A ideia dos dois grupos apareceu depois. Por que se fez isso?

Porque a ideia começou a evoluir um pouco. Os estudantes entram para a Universidade e não têm uma escolha prévia. Portanto, vão ter de fazer suas escolhas. Isso não é ruim, é muito bom, porque eles têm de escolher seus caminhos. São jovens, queriam fazer um curso de biologia, depois decidem que não era bem aquilo, preferiam Física, mudavam de caminho – e isso não é perder tempo na vida, não. É ganhar tempo, escolher seus próprios caminhos. Eles vão ter a marca da Universidade, uma universidade que tem foco em engenharia e ciências básicas – isso tem de ser preservado. Depois, escolhem os próprios caminhos e podem complementar com alguma das engenharias.

Decidimos escolher engenharias que não existissem na cidade de São Paulo, e mesmo no ABC, como na FEI (*Centro Universitário da FEI*) e na Mauá (*Instituto Mauá de Tecnologia*). Engenharia Civil já está bem servida, não precisamos. Começamos a pensar em outras, com mais necessidade para o Brasil. Não quero me alongar, vou citar alguns cursos: Bioengenharia, ou Engenharia Biomédica, como está sendo chamada, foi escolhida com bastante certeza. Aeronáutica foi outra. O Brasil começa a ter uma indústria crescente na área. Há a expectativa de que o país entre na área aeroespacial também. Temos de apostar no futuro. Materiais é, certamente, uma das áreas extremamente interdisciplinares e cabe muito bem, assim como Meio Ambiente. Energia foi outra área, assim como Automação e Robótica.

Mas essa era uma etapa mais adiantada, nós estávamos mais preocupados com a etapa anterior; a prioridade era assegurar a "marca" da Universidade. No primeiro dia, a discussão começou desse modo: "Nós temos de ter os cursos de cálculo, depois o de física, depois o de química, depois biologia, depois não sei o quê...". Fomos dormir e no dia seguinte, eu disse: "Vou fazer uma proposta" – fiquei com um medo danado! – "Vamos tentar outra coisa. Estamos de acordo que o mundo é interdisciplinar, mas estamos fazendo um projeto disciplinar. Há 50 anos, quando eu fiz a faculdade de engenharia, tive Cálculo 1, 2, 3, 4; Física 1,

2, 3, 4; Química 1, 2, 3, 4. Biologia não tinha naquela época, nem Computação, e nós estamos fazendo igual. Quem sabe, a gente muda essa estrutura?"

Discutiu-se muito e saíram as grandes linhas: **Estrutura da Matéria, Processos de Transformação, Energia, Comunicação e Informação, Matemática** – que foi chamada de **Representação e Simulação**, para dar um toque na Matemática com algumas aplicações. Em vez de ser Física, Química, Biologia, formaram-se novos eixos. Finalmente, a parte de **Humanidades e Ciências Sociais**, porque não se pode formar hoje ninguém sem o conhecimento do mundo em que ele vive. Esses foram os seis eixos e as disciplinas: em vez de ter 1, 2, 3, 4, agora seriam montadas segundo essas linhas. Eu sei que um dos professores da UFMG (*Universidade Federal de Minas Gerais*) – tinha dois físicos lá, um era o Gontijo (*Alfredo Gontijo de Oliveira*) e o outro o Alaor (*Alaor Silvério Chaves*) – gostou muito (o Alaor), o Gontijo disse que nunca teria a cara de pau de apresentar uma proposta tão fora dos eixos tradicionais como essa, mesmo gostando.

Foi uma coisa bastante espontânea, e isso deu também uma orientação no seguinte sentido: essas linhas seriam os eixos que privilegiariam as primeiras contratações. Quando se fala da Estrutura da Matéria, você pode ter candidatos da Física ou da Biologia – essas disciplinas poderiam ser feitas a seis ou oito mãos. Na segunda etapa, estariam disciplinas associadas a áreas pouco exploradas do ponto de vista do conhecimento. Ou seja, áreas abertas, nas quais há mais perguntas do que respostas. E também disciplinas clássicas para quem quisesse, naturalmente, seguir os diversos caminhos das Engenharias, da Física, da Biologia, mas sempre com uma grande liberdade para os estudantes.

### **Gustavo Dalpian:**

Três grupos e seis eixos?

### **Luiz Bevilacqua:**

O primeiro grupo forma o conjunto mais básico. O segundo é formado por disciplinas onde há mais perguntas do que respostas. O terceiro são as disciplinas mais clássicas. São esses os três grupos. Com relação aos seis eixos, há grande intersecção entre vários deles. Isso foi feito, inclusive, visando os primeiros concursos, realizados dentro dessa perspectiva e com bastante abertura, admitindo a convergência de engenheiros, físicos, químicos ou biólogos para uma mesma chamada. Houve uma discussão importante a respeito da iniciativa dos alunos, porque precisamos formar estudantes que tenham mais coragem de ousar. Colocar sempre a capacidade de ser diferente – no bom sentido: “Tenho as minhas próprias idéias, posso andar com os meus próprios pés”.

Complementando, esses três grupos de disciplinas foram inseridos ao longo dos eixos, inclusive Humanidades, que achamos muito importante. Houve, também, a orientação para estimular a criatividade dos alunos, para que possam andar com os próprios pés, fazer as próprias escolhas. Enfim, posicionarem-se como pessoas independentes, capazes de pensar,

discutir. Com relação a isso, criamos uma regra – não sei está mantida – que reduzia ao máximo o número de aulas presenciais. Interessava mais que os alunos aprendessem, e aprender é estudar não é ficar ouvindo professor por seis horas durante o curso.

É muito mais importante a atividade individual do estudo – daí a regra de, no máximo, 20 créditos por semana. Ou seja, 20 horas de aula presenciais por semana. Instituíram-se os cursos de bases experimentais – o que é muito bom. Essa era outra ideia, os alunos têm de tomar iniciativa, fazer alguma coisa, e não apenas escrever e apresentar relatórios.

Essas foram as orientações principais que se formaram naquela ocasião. Sistematizadas na proposta final, foram apresentadas ao Ministério. Eles aprovaram e disseram que era hora de contratar o Reitor. Eu disse: "Estou fora. Sou um péssimo administrador. Sou horrível". O Waldman estava com a gente e disse que conhecia um bom candidato. Então, surgiu o nome do professor Hermano. Convidamos o professor Hermano, com o Waldman, e ele aceitou, com muito entusiasmo, com muita energia. Eu fiquei na retaguarda ajudando a implantar essa parte mais acadêmica, dos cursos. Mas foi bom. Depois aconteceram algumas coisas, um pouco depois. Esses foram os pontos principais da iniciativa, do começo da UFABC.

## **Gustavo Dalpian:**

Obrigado, professor Bevilacqua. Foi ótimo ouvi-lo. Vamos passar para o professor Fazio e depois para o professor Waldman. Sugiro que, depois do depoimento do professor Waldman sobre a idealização e a implantação, nós pulássemos a parte da implantação e pensássemos em desafios para o futuro – um breve comentário de cada um.

## **Adalberto Fazio:**

### **(Reitor entre agosto de 2008 e fevereiro de 2010)**

Eu não tenho a riqueza que os outros colegas aqui da mesa têm porque eles participaram da implantação. Participei de algumas discussões na Academia Brasileira de Ciências e esse documento que o Bevilacqua falou, dessa reunião do Fundão, hoje é conhecido como *Manifesto de Angra*. E deixei esse *Manifesto* como cartilha enquanto estive Reitor – e sempre levava para as discussões. Fui presidente da Sociedade Brasileira de Física (SBF) e essa discussão sobre criar uma universidade diferenciada existia na comunidade científica. No meio acadêmico era uma ideia mais ou menos comum, não havia muitas divergências. Esse documento foi publicado em um livro pelo professor Moysés (*Moysés Nussenzveig*); é um livro muito interessante<sup>1</sup>.

Você pode perguntar: "Como é que o Fazio veio parar na UFABC?". Eu fui convidado pelo Haddad para assumir a Secretaria de Ensino Básico do MEC. Por motivos particulares não

---

<sup>1</sup> *Moysés Nussenzveig. Subsídios para a Reforma do Ensino Superior*, disponível em <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-29.pdf>

pude assumir. O professor Salinas (*Silvio Roberto de Azevedo Salinas*) estava saindo e o professor Bevilacqua me convidou para assumir o CCNH (*Centro de Ciências Naturais e Humanas*). Para mim foi uma grande alegria assumir aqui. Fui muito feliz aqui, trabalhando. Aí o professor Bevilacqua chamou os diretores e disse que estava muito cansado e que ia falar com o Haddad. Voltou e disse que o Haddad queria que eu assumisse a Reitoria. Para mim foi uma grande surpresa na época, ninguém imaginava assumir a Reitoria.

Qual foi o meu desenho? Obviamente, peguei todo o trabalho feito pelo Hermano e pelo Bevilacqua. Mas havia alguns processos e implantações. Tocar obras não foi nada fácil. Não é nada fácil essa parte da infraestrutura da Universidade. Mas uma coisa me chamava a atenção e me preocupava particularmente na época: os pesquisadores da área de Humanas. Para mim, tinha de haver uma contribuição das Humanidades. Os professores de Humanidades não podiam ficar como estavam, um pouco marginais ao processo de formação do aluno e da pesquisa, porque estavam ligados a um Centro.

Pensando nisso, constituí uma equipe muito boa – uma equipe que foi excelente. Há uma frase do Bevilacqua – descobri que essa frase é tua, o Popper (*Karl Popper*) copiou de você – que é a seguinte: o Popper diz que uma universidade não pode ser feita para resolver as disciplinas, tem de resolver problemas. Então o aluno tem de pensar num problema, e não na disciplina. É muito interessante esse artigo e eu estava seguro de que precisava ter essa parte das Humanidades. Li um artigo de um professor que eu não conhecia – um o artigo do professor Arilson (*Arilson da Silva Favareto*). Chamei o Sidney (*Sidney Jard da Silva*) e perguntei quem era o professor Arilson.

O artigo havia me convencido de que deveríamos ter a área de Humanidades. Trabalhando com o Milioni, que foi meu Vice-Reitor – primeiro havia sido o Bevilacqua –, fomos ver as boas engenharias do mundo. As boas engenharias têm algo das Ciências Sociais, da Economia, enfim, a parte de Humanidades. Essa foi a ideia central – e foi muito boa.

O Bevilacqua ainda não falou a respeito dos dois núcleos criados e que deram muita discussão na Universidade. No meu modo de ver, tratam de temas extremamente interdisciplinares que são estratégicos para a Universidade, para toda a região, para o país. Um é o Núcleo de Cognição (*e Sistemas Complexos*) e outro para tratar de Ciência, Tecnologia e Sociedade – dois núcleos extremamente interdisciplinares –, que deveriam abrigar professores dos três Centros.

O Bevilacqua falou que não gosta da parte administrativa – eu também não gosto. E fiz o seguinte: chamei pessoas para o planejamento. O Sidney ficou no Gabinete e o Milioni, na Vice-Reitoria, me ajudou muito. Nós tínhamos de ter Estatuto, Regimento. E estou achando que esse PDI, pelo menos na parte do futuro, não pode ser longo. Não pode ser longo por uma questão muito simples: será feita uma série de promessas e, com o tempo, essas coisas vão mudando, basta pegar documentos que foram escritos há 20 anos para ver como essas coisas mudam muito.

Agora, sobre o que deve ser feito e os desafios para a Universidade, vamos colocar o primeiro ponto, a eleição para Reitor. Foi um processo exercido amplamente, democraticamente, na Universidade – e foi muito bonita a discussão. O Waldman era meu Pró-Reitor e trazia a experiência. Mas defendendo a discussão em torno do **Comitê de Busca**. Como é visto hoje, existe certa reação, mas esse tema tem de ser tratado melhor. E essa discussão, para essa Universidade, vai ter de voltar.

A pergunta é: por que eu não insisti no **Comitê de Busca**? Não insisti, não só nesse caso, mas em outros, porque o MEC nunca me deu força para executá-lo. Precisaria desse apoio e era muito difícil obtê-lo. Entendo a complexidade de mudar todo o processo. A eleição para Reitor, na verdade, era feita no Conselho (*Universitário*), mas acompanha uma consulta. Hoje, obviamente, essa consulta decidiu a eleição do primeiro Reitor eleito, que foi o Waldman. É bom deixar claro que os alunos tiveram participação exemplar nessa eleição – um comparecimento que nunca vi na história de uma universidade federal. Eles participaram mesmo, com muitas discussões.

Os funcionários também tiveram uma participação fundamental, assim como os professores. A eleição mobilizou a UFABC e foi muito rica nas discussões. É interessante porque o foco da discussão era realmente o projeto acadêmico. Quem estava dentro, via a grande discordância. Quem estava fora não entendia, parecia que todos nós concordávamos. Mas por dentro vemos a estrutura fina do processo. De fora: "O que está acontecendo? Todos têm a mesma opinião?". Dentro, nós sabíamos que existia uma estrutura fina – e a universidade age assim. Do ponto de vista da discussão, ela foi rica. Tivemos as discussões nos Conselhos (*Conselho Universitário e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão*) e, na verdade, não vai ter unanimidade em uma universidade nunca. E seria a universidade mais chata do mundo se nós tivéssemos unanimidade sempre.

O que a Universidade tem de saber? Universidade é aquilo que nós ensinamos e a forma como ensinamos. Aqui, na UFABC, há essa riqueza que não podemos perder. Professores, alunos, funcionários e aqueles que estão fora da Universidade apostavam no sentido contrário. Porque as forças para tornar a UFABC igual a outras universidades são muito grandes. Em relação aos cursos de Engenharia que nós temos aqui, como desenhado pelos colegas, a reação do MEC era muito grande – e para explicar o que é o bacharelado interdisciplinar...

É uma dificuldade muito grande mostrar o que é formação interdisciplinar e sua importância. Então, quais são as barreiras que vejo hoje pra Universidade? Na Constituição, a Universidade tem autonomia. Na prática, não tem autonomia financeira, nem autonomia, de fato, acadêmica. Isso é uma coisa que nós temos de perseguir. O que é muito frustrante, porque a impressão, obviamente com suas exceções, é que muitos reitores querem autonomia financeira e dão pouca importância à liberdade de criar na universidade.

Temos o Reuni (*Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais*), que é um excelente programa. Mas somente uma parte do Reuni foi utilizada, mais em termos de expansão e menos na reestruturação da universidade. Essa parte foi esquecida. O próprio ministro, hoje, concorda com isso. Temos universidades nas quais foram feitos prédios para aumentar o número de vagas, mas que deixou de lado a reestruturação – uma discussão muito rica que já era debatida na Academia. Isso foi colocado de lado. Obviamente, há exceções, como é o exemplo da UFABC. Afinal já temos quatorze bacharelados interdisciplinares que se expandiram a partir da UFABC e da Universidade Federal da Bahia.

O segundo ponto é o corpo docente. A contratação inicial da ordem de cerca de 250 docentes é uma contratação de peso, os professores são realmente de altíssimo nível. Isso é possível ser feito numa região como esta, no Estado de São Paulo. Mas levar isso para o Brasil todo... Eu senti a dificuldade dos reitores de outras universidades, o que nos remete à questão

da pressa e da urgência. Queremos essa pressa, mas é uma dificuldade muito grande tocar a universidade nessa velocidade. O Bevilacqua falou das horas-aula, mas tem o fator MEC que impõe uma relação fixa professor-aluno, e temos de olhar bem para a pesquisa, a extensão e o ensino.

A minha participação na Reitoria, durante esses anos, foi praticamente na estruturação da Universidade: discutir estatutos, regimentos, processos de contratação. Tivemos de tomar muito cuidado com as disciplinas oferecidas. Um ponto que nunca me deixou feliz é a divisão de vagas pelos Centros. Essas distribuições são muito difíceis, porque o processo é dinâmico, e essas vagas não podem ser reservadas, têm de ser olhadas a cada momento. O professor que for contratado aqui, se for da Engenharia Civil, pode ser que amanhã esteja em Materiais. Essas coisas mudam.

Esta é uma universidade que tem de pensar no futuro, e tem de ter propostas bem desafiadoras. O Gustavo me perguntou qual é a proposta que eu tenho para o PDI. Vou colocar, em uma frase, a proposta que eu tenho: não ler o PDI de nenhuma universidade... Esqueçam! Comecem a fazer o PDI da UFABC e garanto que será exemplo para outras universidades de como se colocar o futuro em vários temas. A UFABC tem de pensar à frente e não olhar para outros modelos.

## **Gustavo Dalpian:**

Vamos passar ao professor Waldman que, além de Reitor, é hoje o dirigente que há mais tempo está na Universidade de forma mais contínua. Integrou a **Comissão de Idealização**, estava no núcleo de implantação e vivenciou todos os momentos até hoje.

## **Hélio Waldman:**

**(Reitor eleito, em exercício desde fevereiro de 2010)**

O professor Bevilacqua me telefonou em maio ou junho de 2005, dizendo que havia uma universidade nova, federal, que era uma oportunidade. Isso me entusiasmou desde a primeira hora. Porque na Unicamp, onde fiz minha carreira desde os anos 70, tive oportunidade de ter os meus primeiros contatos com a idéia da interdisciplinaridade. Na gestão do professor Pinotti (*José Aristodemo Pinotti*) nos anos 80, começou a circular na Reitoria – eu era diretor da Faculdade de Engenharia – a idéia de se criar alguns núcleos interdisciplinares na Unicamp.

O assessor do Pinotti que estava promovendo isso era exatamente o Paulo Renato, que iria sucedê-lo na Reitoria. Durante a gestão do Pinotti foram criados os "Espaços Interdisciplinares", espaços para discutir temas reconhecidamente importantes que não cabiam dentro de nenhum departamento, nenhuma disciplina. Havia a necessidade de se juntar pessoas de diferentes disciplinas para atacar aquelas problemáticas. Apareceu o Núcleo de Estudos sobre a Amazônia, sobre a População, que existe até hoje, e vários outros núcleos. Houve muita atividade nesse sentido.

Depois, na gestão do Paulo Renato, na qual participei como Pró-Reitor de Pesquisa, ele consolidou esses “Espaços Interdisciplinares”. Fez um diagnóstico de tudo que havia sido criado, eliminou alguns núcleos que não estavam sendo produtivos e percebi que essa tendência para a interdisciplinaridade se estabilizou sem que esse movimento contaminasse o núcleo duro da Universidade. Eu estava interessado nesse movimento. Como observador, além de interessante, achei importante, mas fiquei decepcionado conforme o núcleo duro continuava igual. Ou seja, a graduação continuava a mesma coisa. Havia os “Espaços Interdisciplinares”, mas ficaram periféricos dentro da Universidade.

O sucesso desse movimento tinha sido muito parcial. Criaram-se muitas áreas, faziam-se atividades importantes, úteis, mas praticamente desligadas da parte mais importante da Universidade, que é a graduação. A graduação permaneceu praticamente intocada ao longo das décadas de 70, 80 e 90. A Unicamp é uma universidade muito inovadora, mas toda inovação se pressupunha que tinha de ser feita através da pós-graduação. E que depois, lentamente, haveria a entrada para a graduação. Essa idéia também foi ficando patente que não era adequada em função da aceleração do conhecimento tecnológico.

No momento em que os ciclos tecnológicos duram entre 10 e 20 anos, pode-se pensar em inovar na pós-graduação e depois ir migrando. Mas quando os ciclos duram poucos anos, não tem mais sentido fazer desse modo porque vai se formar um aluno na graduação já desatualizado. A pós-graduação não pode ser usada para reciclar conhecimentos, não é esse o objetivo – seu objetivo é formar pesquisadores. Achava que realmente estava precisando de alguma coisa desse tipo, por isso, quando o professor Bevilacqua me ligou, eu fiquei muito interessado e comecei a frequentar a Comissão de Implantação. Quando fui convidado pelo professor Hermano para ser da equipe dele, como Pró-Reitor de Pesquisa, tentei colaborar dentro das minhas possibilidades. Depois continuei com o professor Bevilacqua, e em seguida, na equipe do professor Fazzio. Finalmente me tornei Reitor, que eu sou até hoje.

Minha escolha como Reitor passou pela comunidade. Foi um processo bastante interessante porque tive a oportunidade de ter contato com todos os setores da comunidade da UFABC, ao longo da campanha eleitoral. Atuei desde o começo na equipe dirigente, mas em atuações setoriais. Inicialmente, era Pró-Reitor de pesquisa em uma universidade que estava começando. Ou seja, não tinha nem professor, nem aluno. Levantei isso com o meu chefe da época, o Hermano: "O que faz o Pró-Reitor de pesquisa em uma universidade que não tem professor nenhum?". Aí todo mundo tem de fazer de tudo – e foi o que nós fizemos. E me envolvi bastante na organização dos concursos, o que é muito importante, inclusive para a pesquisa. Nossos concursos, até hoje, enfatizam muito a produtividade em pesquisa – marca da UFABC e uma coisa muito importante pra nós. Depois fui Pró-Reitor de Graduação, com o professor Fazzio, em 2009. E comecei a perceber com mais dramaticidade a complexidade da implantação desse Bloco 2.

A idealização também é difícil, porque você está abstraindo o solo onde algo vai ser plantado. Implantação significa "plantar" alguma coisa, colocar planta no solo. Portanto, o projeto, em si, é função da idéia que quer ser implantada aqui no solo. Esse mesmo projeto, na Noruega, é um projeto bastante diferente, é outro projeto. Esse mesmo projeto, no interior, considerando a dificuldade de se contratar doutores – em Uberlândia, conversei com o Reitor e ele disse que é muito difícil contratar doutores no interior. Portanto, esse projeto em

Uberlândia é outro projeto, porque não será possível contratar os mesmo doutores que estamos contratando.

O projeto idealizado é universal, ao ser implantado passa a ser aquela idéia de que é universal, dentro de um contexto que não é universal, é local. Eu senti um pouco esse drama - e esse é o drama, de certa maneira, do dia-a-dia. Quando, além de Pró-Reitor de Graduação, fui o primeiro Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Informação, fizemos o APCN (*Aplicativo para Propostas de Cursos Novos*), o programa foi aprovado e abrimos as inscrições. Imaginamos que, como eram 20 professores, poderíamos abrir 20 vagas. Ficamos preocupados porque não houve tempo de fazer a divulgação, não sabíamos se ia ter candidato, tudo pela internet. Quando apareceu a lista de candidatos, havia 80 nomes. Ótimo! As nossas preocupações de que não iam ter candidatos se dissiparam. Tínhamos 80, teríamos de selecionar.

Então, começamos a entrevistar as pessoas. Percebemos que sua percepção do mestrado era muito diferente da nossa. Não estou dizendo que é melhor nem pior. O aluno típico que vinha ser entrevistado aqui era um aluno que estava trabalhando, queria aulas à noite e a motivação era o título para se valorizar na empresa onde trabalhava. Queria pagar, saber quanto era. Explicamos que era gratuito, mas que exigia dedicação. Ficou claro que o aluno não estava disposto a trocar o emprego pela bolsa da Capes (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*), nada disso. No fim, foi difícil preencher 20 vagas, apesar de 80 candidatos. Porque a realidade era muito diferente da expectativa. Ao longo desses anos, de certa maneira, conseguimos tornar mais clara a proposta da Universidade para a região.

Na minha visão, a UFABC está sendo observada com atenção – e até com certa simpatia. Mas era uma proposta muito estranha para a população que a recebeu aqui. Isso, obviamente, gera estranhamento, dificuldade. Foi uma surpresa, de certa maneira, negativa. Posso citar surpresas positivas também. Na época do professor Fazzio, aderimos de primeira hora ao SiSU (*Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação*), baseado totalmente no ENEM (*Exame Nacional do Ensino Médio*). Mas aderimos com preocupação. Sabíamos que grande parte dos alunos queria a área de tecnologia, fazer engenharia, cursos normalmente oferecidos.

Pelo nosso modelo, o aluno entra na universidade para fazer um bacharelado interdisciplinar. Não poderíamos oferecer no SiSU uma vaga em Engenharia, em Física, nenhuma das vagas que normalmente interessam aos alunos. Só poderíamos oferecer vagas para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BC&T) e depois também para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Humanidades. Tínhamos muito receio de que os alunos não se interessassem por esses cursos. Fizemos gestões junto ao MEC para que isso pudesse ser adequadamente explicado no sistema e fomos atendidos parcialmente. O Conselho Universitário aderiu, mas com receio. Mesmo os proponentes tinham um pouco de receio.

No fim das contas, depois que saiu o resultado do SiSU, soubemos pela imprensa que nosso curso, o BC&T de Santo André, foi o mais procurado do Brasil. Essa foi uma surpresa bastante agradável. As pessoas que se interessaram pelo curso eram, principalmente, do ABC e da Região Metropolitana de São Paulo. Não é pelo fato do SiSU ter cobertura nacional. Cerca de 80% dos nossos alunos são da Grande São Paulo. Provenientes do ABC são em torno de

30%. Isso significa que a mensagem, de certa maneira, chegou até os jovens e contagiou-os. Tudo indica que os jovens entenderam que a nossa proposta é melhor.

Qual o desafio que se coloca neste momento? Não é mais cativar os jovens, já mostramos que temos essa capacidade. Agora estamos começando a colocar esse pessoal no mercado de trabalho. Já formamos mais de 200 bacharéis em Ciência e Tecnologia, e algumas dezenas de matemáticos, físicos. Os primeiros engenheiros serão formados esse ano. Esse pessoal vai chegar ao mercado de trabalho e é muito importante que sejam reconhecidos como bacharéis. Alguns serão bacharéis, poucos, porque a maioria está continuando a formação específica. Temos o desafio de ter nossos alunos reconhecidos como bacharéis em Ciência e Tecnologia e bacharéis em Ciências e Humanidades, para que esses títulos sejam valorizados no mercado, sejam valorizados culturalmente. Isso é essencial em nossa proposta – a de que o bacharelado interdisciplinar não seja um grau necessariamente intermediário. Pode ser intermediário, mas pode ser terminal também.

O que é o bacharel em Ciência e Tecnologia? E o bacharel em Ciências e Humanidades? É um cidadão que pode não estar profissionalizado, ainda não é engenheiro, físico ou filósofo, mas é capaz de dialogar com as diversas disciplinas dentro de uma grande área de conhecimento. Portanto, é capaz de movimentar aquela área – o importante é isso. O grande desafio é tentar explicar o modelo para a sociedade como um todo e não tanto apenas no meio acadêmico e entre a juventude.

Achei muito interessante a idéia que o professor Fazzio colocou, de voltar à discussão sobre o **Comitê de Busca** para escolha do Reitor. Não estamos fazendo isso, mas certamente a questão da sucessão deverá ganhar monta nos próximos dois anos. Embora não tenha marcado essa questão, penso que estamos fazendo algo que, de certa maneira, nos prepara para eventualmente usar o **Comitê de Busca**. E me refiro aqui à elaboração do nosso Plano de Desenvolvimento Institucional, de 2012 a 2022. É muito diferente daqui a dois anos enfrentar o processo de sucessão de reitor com ou sem esse. Sem o plano, a questão fica como se enfrentou a sucessão em 2009, como se fosse uma escolha quase que entre personalidades – evidentemente, entre programas também.

Com o plano aprovado pela comunidade, fica mais fácil criar o **Comitê de Busca**, que vai lançar um edital para os candidatos dizendo: "Olha, o candidato, para se inscrever, ele tem que apresentar uma carta de adesão a esse plano". Será possível contratar um indivíduo para usar a capacidade gerencial e apontar o plano dizendo: "Olha, a Universidade, até 2022, quer chegar a esse ponto. E quero saber o seu plano de 2014 a 2018. Qual é a contribuição a esse plano que você se propõe a dar, que você acha importante?" Torna-se algo mais previsível e controlado pela Universidade. Tem-se mais controle sobre o processo, o processo é mais amarrado. Você escolhe um Reitor, desde o início, amarrado com objetivos que a própria Instituição determinou antes.

Não sei se vamos partir pra isso. De qualquer maneira, se quisermos, com o PDI estaremos mais preparados do que sem o PDI. E mesmo pelo processo tradicional, o PDI, de certa maneira, já direciona as candidaturas.

## Gustavo Dalpian:

Obrigado, professor Waldman. Nosso tempo está bastante avançado. Proponho sair do esquema inicial e tratarmos de um tópico principal: grandes desafios da UFABC para os próximos dez anos. O PDI da UFABC estará alinhado ao Plano Nacional de Educação e ao Plano Nacional de Pós-Graduação e todos os planos que o MEC vem lançando nos últimos tempos, que projeta ações para dez anos.

## Helio Waldman:

O horizonte de planejamento da universidade é o mandato de um Reitor: quatro anos. O PDI tem uma coisa democrática: não vai ser discutido o programa do Reitor, que é um programa de quatro anos. O PDI, na verdade, poderia pensar em uma geração – mas passar de quatro para 20 ou 30 anos seria um pulo muito grande. Por isso propus esse período de 10 anos, tendo em vista, inclusive, que outros programas nacionais também são para uma década. Considero um aumento razoável, significativo, mas não tão grande que se tornasse inviável. Por isso a proposta de 2012 até 2022, aproveitando, também, que 2022 é o bicentenário da Independência.

## Gustavo Dalpian:

Lanço o desafio para a mesa – já que estamos no encerramento das atividades. O nosso PDI vai propor um programa de 10 anos, de 2012 a 2022. Sugiro a exposição de cada um sobre a visão de futuro, barreiras e desafios para o futuro da UFABC.

## Hermano Tavares:

Na próxima semana, nos próximos 7 dias, o ITA (*Instituto Tecnológico de Aeronáutica*), que é altamente tradicional, conhecido pela qualidade de engenharia, estará pela primeira vez realizando a escolha de seu Reitor através de um **Comitê de Busca**. Um PDI é indispensável para isso. Fazer o **Comitê Busca** e escolher o Reitor por um processo que pareça bastante avançado, não tendo um PDI, é tempo perdido. Portanto, tem que ter o PDI que deve orientar, razoavelmente, o próximo Reitor.

Por outro lado, tenho observado nos mais variados lugares, sobretudo no mundo desenvolvido, que planejamento de 20 anos é uma brincadeira. Mais de 80% do planejamento sai errado, não dá pra fazer. O planejamento de cinco anos é mais seguro. Aqui estamos no intermediário, 10 anos. Não dá para ficar convencido de que é o melhor, porque a dinâmica do Plano Nacional de Educação é muito complexa e, como não se quer repetir de cinco em cinco anos, se faz para 10.

Mas a dinâmica da universidade não é tão complexa. Sugiro fechar um pouco nos cinco anos, embora fazendo pra 10. Dar maior nitidez para o que se deseja nos próximos cinco

anos seria uma boa política para facilitar a idéia do **Comitê de Busca**. Quanto ao principal desafio, é o mesmo que existe para o Brasil inteiro: a Universidade tem de crescer, não pode estagnar. Em minha experiência, que considero muito longa, trabalhei o tempo todo com política universitária, e os conselhos universitários são atravancadores. Eles impedem o crescimento das universidades. Então, é preciso querer crescer, é preciso colocar isso.

Não acredito, jamais acreditei, não conheço nenhum exemplo contrário, de uma universidade que tenha perdido qualidade porque cresceu. Esse é o argumento que normalmente se usa contra. Tem de crescer com qualidade e tem de evoluir nessa criação. Dessa maneira estaremos dando condições ao povo brasileiro para se desenvolver.

### **Luiz Bevilacqua:**

Complementando um pouco o que o Hermano disse, costumo trazer essa metáfora: "Quando se nada, a gente planeja. Quando se surfa, a gente não pode planejar". As coisas andam muito rápido e temos de surfar nessa onda de choque de conhecimento. Planejamento de muito longo prazo, como já foi dito, é perda de tempo. Tem de se fazer correção em função do que acontece na sociedade. O segundo ponto é que a universidade se escolhe, através de seus professores, dos seus Conselhos – que eu também concordo que atravancam mais do que ajudam. Mas a universidade tem de escolher.

A UFABC, na sua estrutura, é uma universidade que veio para dizer como a ciência e a tecnologia no Brasil podem avançar. Há um movimento, em alguns lugares, a favor da contextualização. Ouvei isso há uns tempos atrás, com propostas como a de que o curso de engenharia deve ser contextualizado, matemática tem de ser dada por engenheiros, física tem de ser dada por engenheiros. Precisamos desconstruir essa idéia.

A UFABC é um ponto singular: ou assume a singularidade ou não assume. Esse é o modelo proposto e agora é uma decisão de vocês. Se o Brasil quer se contextualizar na comunidade internacional – quer dizer, "viver a reboque" –, ficaremos sempre a reboque. Se quisermos dar um grito de independência, nós podemos!

Às vezes falo dessa história: quando vamos ter o primeiro Nobel? Quando isso vai se concretizar não é importante – não é importante em termos. Isso é simplesmente uma fagulha e temos de criar as condições. Esse é o grande desafio para a UFABC. Eu queria que ela fosse a melhor do mundo. Portanto, não contextualizada dentro desse aspecto de menor. Ela deve ser um motor para o Brasil.

Segundo, não é para tirar daqui e implantar em outros lugares do Brasil. Não é isso – como o Waldman mesmo disse. Tenho levado essa posição em várias conferências. Não desistam dos eixos, isso vai pegar! É importante! Mas tem de ser reformado, tem de ser uma reforma profunda. Eu estou disposto até a ajudar a reformar.

### **Adalberto Fazzio:**

A UFABC não pode esquecer essa singularidade – é uma preocupação que eu tenho. Tem de ser mantido um debate constante entre professores. O que o Waldman falou sobre os

alunos é verdade. Na UFABC, os alunos aceitam o modelo muito mais que os professores. É mais fácil, às vezes, dar passos para trás, voltar para a “caixinha de Maizena”.

A UFABC tem de se colocar numa posição de singularidade, uma posição de diferenciação, que é fundamental. Por que eu estou falando isso? Vamos pegar a situação hoje no mundo. A mudança é muito grande e o Brasil está em uma posição extremamente delicada. Se olhar a balança comercial brasileira, olhando o total, está tudo muito bem. Se olhar para o item de manufaturados, aquele produto que envolve cada vez mais o conhecimento, estamos em uma situação complicadíssima. Não é à toa que foram disponibilizadas 75 mil bolsas (*Programa “Ciência Sem Fronteiras” do Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT*).

A UFABC é uma universidade que, dentro de quatro ou cinco anos, vai formar na ordem de 700 engenheiros. O que pretendemos desses engenheiros? Temos aqui uma série de cientistas sociais que acompanham e devem acompanhar o que acontece no mundo. É uma universidade que precisa ter capacidade adaptativa. Por isso, falo o seguinte: dá para fazer um PDI de 10 anos, mesmo em cinco páginas, se colocar 10, está bem – 10 páginas, qual é o problema? Não podemos fazer, obviamente, um planejamento de longo prazo se for para escrever aquelas bíblias. Os objetivos têm de ser traçados de maneira que possam ser adaptados. Não adianta perguntar para o MEC. Às vezes se pensa que o MEC vai ter um monte de sábios, que entendam da educação; no MCT, quem entenda de ciência e tecnologia. Não é assim. Quem entende são vocês e esse complexo que envolve a USP, Unicamp, ITA, UFRJ. Isso precisa ficar claro.

Pelo pouco que eu estou acompanhando, está faltando um pouco mais de debate interno pra sair esse PDI. Essa singularidade da Universidade tem de ser mantida. A UFABC é diferente, tem uma função social, tem uma função para o Brasil. Obviamente, os problemas da região, aparecem *per si* aqui dentro – aqui é um universo da região do ABC, que está dentro do nosso país. Devemos olhar o que está acontecendo na China, nos países asiáticos de um modo geral, a própria mudança na educação serve como reflexão. Esse é o desafio: saber acompanhar e manter viva aqui dentro a idéia dessa mudança acadêmica, adaptável.

## **Helio Waldman:**

A questão da cultura da inovação é fácil porque a UFABC já nasceu com ela. Nosso projeto pedagógico é de uma universidade inovadora – não nasceu para fazer mais do mesmo. Portanto, a gente tem uma visão de futuro, está inserida no projeto pedagógico. Mas há desafios e eu colocaria dois deles. Um é simples: nos próximos 10 anos, precisamos fazer com que os nossos bacharelados interdisciplinares se sustentem sozinhos. Ou seja, que o aluno em 2020 venha aqui para fazer bacharelado e sair como bacharel em Ciência e Tecnologia ou em Ciências e Humanidades E que o mercado, a sociedade, a família, que todos entendam e valorizem o que é esse perfil, e seja reconhecido socialmente. Esse é um desafio apropriado para 10 anos.

Esse é um trabalho quase irrisório – é para fora, não é pra dentro. Apoiar nossos alunos, convencer os empresários, convencer as famílias, convencer a sociedade de que esse indivíduo tem valor, é importante. É um bom desafio para 10 anos.

Outro desafio é realmente darmos uma contribuição para o protagonismo brasileiro, como o Fazio estava dizendo. O Brasil está crescendo, esse crescimento é muito bom, mas é muito baseado em *commodities*, apenas *commodities*. A nossa casa é de conhecimento. Temos de formar pessoas para contribuir e criar projetos nos quais esse protagonismo apareça. Projetos na área de ciência e tecnologia, para esse pessoal se engajar nesses projetos e gerar contribuições que ajudem o Brasil a ter uma posição mais sólida no mundo do século XXI.

## **Gustavo Dalpian:**

Professor Waldman, muito obrigado. A reunião foi muito boa e gostaria de sugerir e já escalar que fizéssemos um debate semelhante aberto para a comunidade, com mais tempo, abordando outros temas. A nossa comunidade se valeria muito dessa discussão. Tudo o que foi falado hoje aqui, tenho certeza que, nossos colegas, nossos alunos, nossos TAs (*servidores técnico-administrativos*) aprenderiam muito. Mais uma vez, gostaria de agradecer aos senhores.

## **Luiz Bevilacqua:**

Só um pedido: em vez de "inovação", usemos "invenção". É diferente. Quando se diz "reinventar" tem um significado. "Invenção" é diferente de "inovação" – então vamos usar invenção.